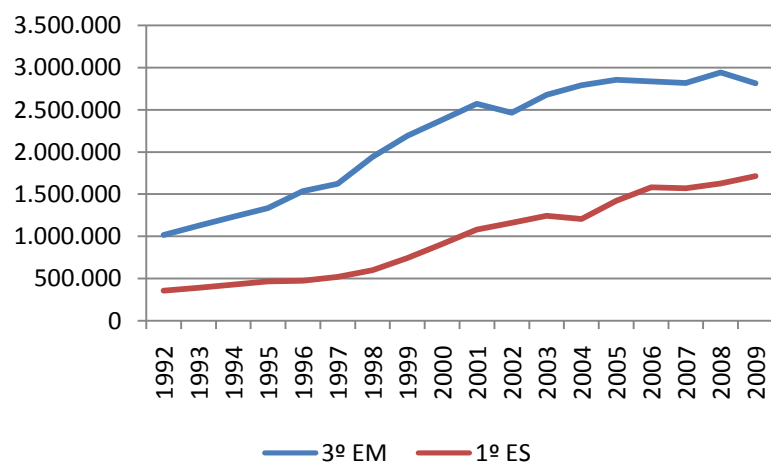


Fonte: Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010. FIBGE. Atlas de desenvolvimento Humano no Brasil 2013. Pnud/FJP/IPEA

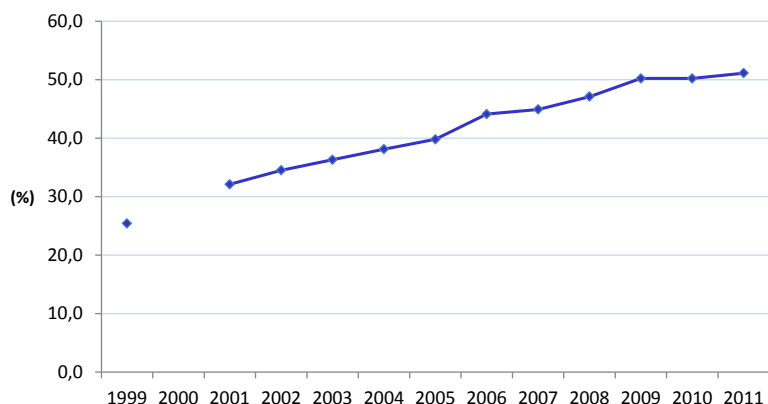
Gráfico 2 - Número de alunos que frequentam o 3º ano do Ensino Médio e número de alunos que frequentam o primeiro ano do Ensino Superior no ano seguinte



Fonte: Centro de Políticas Públicas. Instituto Insper. Indicadores calculados a partir das PNADs do IBGE.

O PNE estabelece como meta, para 2020, elevar a taxa bruta de matrícula da população de 18 a 24 anos, que em 2009 era de 31% para 50% e, a taxa líquida de matrícula de 14,9% para 33%, além de assegurar a qualidade da oferta. Neste momento, o número de concluintes do ensino médio (menos que 3 milhões), condição formal para ingresso no ensino superior, não passa de 50% dos ingressantes neste nível de ensino (ver gráfico 3). E o número de ingressantes no ensino superior é um pouco maior que 1,5 milhões.

Gráfico 3 – Proporção de jovens de 19 anos que concluíram o Ensino Médio



Fonte: Tabulações Especiais, PNADs IBGE.

O aumento do número de egressos do ensino médio pode ser constatado também através da maior heterogeneidade dos concluintes que são mais vulneráveis do ponto de vista socioeconômico. Assim, a demanda por curso superior é caracterizada hoje por ter mais diversidade do que no passado, quando era altamente elitizada. Do ponto de vista da qualidade da formação básica pode se dizer que este aspecto deixa muito a desejar. Houve um esforço do governo para aumentar o acesso a esse nível de ensino sem conseguir ainda melhorar a qualidade, como mostram os diversos exames de larga escala do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA).

Nesse sentido, a demanda por ensino superior é cada vez mais heterogênea seja do ponto de vista socioeconômico e demográfico quanto da formação de nível secundário do aluno (Aprile, 2009).

Vários países vêm realizando reformas universitárias que têm como princípio a igualdade de oportunidades e a democratização do acesso. Ações afirmativas de cunho social e ou racial têm sido propostas no âmbito destas reformas. No Brasil estas políticas surgiram como reserva de vagas ou bonificação nos vestibulares em torno de critérios raciais, socioeconômicos ou de origem escolar da rede pública de ensino. As cotas raciais surgiram em grande parte em função da pressão de movimentos sociais e ainda causam controvérsias em vários segmentos da sociedade.

O artigo tem como objetivo apresentar e discutir um modelo de inclusão social por meio de um programa de educação superior. Considera-se que o modelo apresentado, o Programa de Formação Interdisciplinar Superior (ProFIS) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), é inovador na medida em que conjuga vários fatores. Entre eles destacam-se: a forma de acesso que se constitui em uma ação afirmativa, além de ser um curso de educação geral e também por possibilitar uma nova forma de acesso à Unicamp, sendo que primeiro os alunos ingressam na Universidade e depois nos cursos de graduação profissionais. Assim, pode se dizer que o ProFIS é um programa especial e um espaço de experimentação em relação a seus componentes para Unicamp e outras universidades.

Procura-se evidenciar o processo de seleção dos ingressantes que busca atingir a meta da promoção da inclusão social no acesso e permanência no ensino superior. Por um lado, apresenta-se o perfil da demanda potencial por cursos de nível superior, ou seja, dos jovens residentes no município de Campinas que em 2010 estavam cursando o último ano do ensino secundário e que, na hipótese da conclusão, seriam candidatos aos cursos de nível superior. Por outro lado, busca-se comparar este perfil com o dos ingressantes do ProFIS e, conseqüentemente analisar em que medida o curso oferecido pela Unicamp atende esta demanda.

Serão discutidas as principais dificuldades que os jovens provenientes das escolas públicas enfrentam para entrar e permanecer no ensino superior. Estas dificuldades estão relacionadas com pelo menos

dois fatores. Em primeiro lugar, estão aquelas relacionadas com fatores socioeconômicos das famílias (baixos níveis de renda familiar, muitos terem que trabalhar precocemente, ou já terem constituído suas próprias famílias; e a baixa escolaridade dos pais). Em segundo lugar, as dificuldades estão relacionadas com a baixa qualidade da educação básica oferecida na rede pública, o que resulta em graves deficiências de formação.

Os dados apresentados fazem parte do trabalho de Avaliação Continuada do programa desenvolvido pela equipe do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas (Nepp/Unicamp) que procura investigar aspectos do programa relacionados principalmente à formação geral, ao apoio na escolha da carreira, à ação afirmativa e ao processo seletivo. A pesquisa de Avaliação Continuada conta com o apoio do CNPq, Pró-Reitoria de Graduação (PRG/Unicamp) e PAPPIC/Faepex/Unicamp.

1. Apresentação do ProFIS

Pode-se dizer que o ProFIS representa uma inovação para o ensino superior no país tanto pelo seu caráter de promotor de inclusão social, quanto pela natureza pedagógica do curso cuja proposta é oferecer uma formação interdisciplinar voltada para o desenvolvimento de cultura ampla, visão crítica, espírito científico, pensamento crítico e flexível. Desta forma, o programa procura formar pessoas que estejam preparadas para o exercício da cidadania e também para o mundo do trabalho.

O ProFIS é um curso sequencial de complementação de estudos oferecido em período integral em quatro semestres⁵, com disciplinas obrigatórias e eletivas oferecidas por várias unidades da universidade com 120 vagas. O curso foi criado em 2010, com ingresso da primeira turma em 2011. A grade curricular é composta por 28 disciplinas obrigatórias, totalizando 109 créditos, além de oito créditos eletivos, sendo que 40% dos créditos correspondem a atividades práticas que ocorrem em sala de aula, laboratórios e em projetos Iniciação Científica, coordenados por professores e pesquisadores.

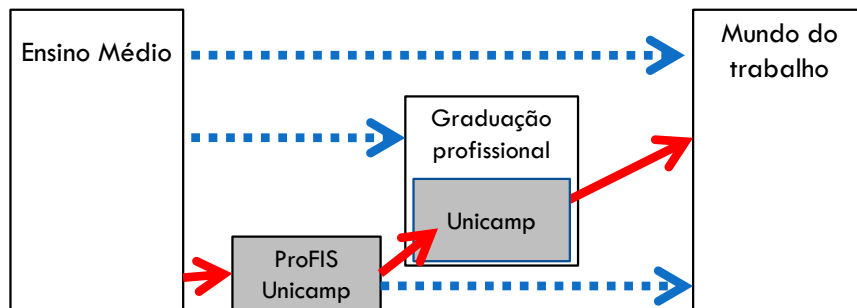
O ProFIS é um curso dirigido aos estudantes que concluíram o ensino médio provenientes das escolas públicas do município de Campinas. Os estudantes são selecionados de acordo com seu desempenho no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), de forma que para cada escola pública de Ensino Médio do município de Campinas com alunos inscritos é destinada pelo menos uma vaga do ProFIS. A seleção procura assim trazer para Unicamp os melhores alunos das escolas públicas da cidade, até o limite de dois alunos por escola, buscando jovens habilitados para o ensino superior, mas sem abrir mão do mérito. Segundo dados da Comissão de Vestibular da Unicamp (COMVEST), 55% das escolas públicas da cidade não tiveram nenhum aluno matriculado na Unicamp. Após o ingresso das três primeiras turmas, a cobertura atual é de 98% das escolas do município.

O aluno ao concluir o ProFIS recebe um certificado de conclusão de curso sequencial de complementação de estudos⁶ e, ingressa diretamente em um curso de graduação profissional da UNICAMP sem ter que passar pelo exame vestibular. São oferecidas atualmente 129 vagas em 59 dos 68 cursos de graduação regular. A distribuição das vagas busca seguir a distribuição do total de vagas da Unicamp em relação aos turnos (integral e noturno) e em relação às áreas do conhecimento. Desta forma, a trajetória esperada do aluno do ProFIS é a assinalada em vermelho na Figura 1, dentre as possíveis trajetórias dos concluintes do ensino médio.

Figura 1 - Trajetórias dos concluintes do Ensino Médio

⁵ Duração máxima de 6 semestres.

⁶ Trata-se de uma das modalidades de curso de nível superior prevista na Lei de Diretrizes de Base da Educação no Artigo 44 Inciso I (BRASIL, 2010).



Fonte: Avaliação Continuada do ProFIS, NEPP, 2013.

No intuito de reforçar a preocupação com a permanência dos alunos e a conclusão dos cursos no ensino superior na Unicamp, o programa oferece uma ampla rede de assistência estudantil concretizada através de medidas de ajuda de custo com o deslocamento e a alimentação dentro do campus para todos os alunos, bem como a concessão de bolsas de estudo. Além disso, os alunos usufruem das demais ações de assistência da Unicamp, como atendimento médico, odontológico, psicológico, de orientação de carreira, entre outras ações. Há também um projeto pedagógico diferenciado que conta com o apoio de alunos de pós-graduação e graduação das unidades, nas quais as disciplinas são oferecidas.

Desta forma, o curso busca não só possibilitar a equidade no acesso, mas principalmente a permanência no ensino superior. Para acompanhar a implementação do programa, seus resultados e impactos foi desenhada uma metodologia de avaliação continuada, que tem acompanhado os beneficiários, bem como dois grupos de comparação, ao longo do tempo através de um estudo longitudinal⁷. Os dois grupos de comparação procuram cobrir indivíduos com perfil socioeconômico parecido e que estejam nas demais trajetórias da figura 1.

A avaliação do ProFIS, por sua vez, possui três objetivos principais:

- avaliar a implementação e viabilidade do ProFIS como programa de formação geral para Unicamp;
- avaliar o impacto do ProFIS na formação e trajetória profissional do aluno;
- avaliar a alternativa de acesso à Unicamp, tanto no aspecto do processo de seleção quanto da promoção de equidade.

A avaliação pressupõe, então, que o Programa inclui os dois primeiros anos de formação geral e o curso de graduação na Unicamp. Isto pode ocorrer eventualmente em outras instituições de ensino superior também. Desta forma, a avaliação envolve o acompanhamento da implementação do Programa e o acompanhamento de seus beneficiários por um período de, no mínimo, seis anos (dois anos de ProFIS + quatro anos de curso regular de graduação) para verificar resultados quanto à permanência e conclusão do ensino superior, a mais de dez anos para acompanhar os impactos de mais longo prazo.

⁷A metodologia de avaliação do ProFIS inspira-se na experiência de avaliação de programas de Ciência, Tecnologia e Inovação do Grupo de Estudos sobre Organização da Pesquisa e da Inovação (GEOPI), situado no Departamento de Política Científica e Tecnológica (DPCT) do Instituto de Geociências da Unicamp (FURTADO, 2003; ZACKIEWIZ, 2005; SALLES-FILHO et al, 2010 e 2009; FURTADO et al, 2009). Alia-se também à larga experiência de condução de pesquisas de avaliação e monitoramento do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas (NEPP) da Unicamp (ANDRADE e TELLES, 2008; COELHO et al, 2008; DRAIBE e RUS PEREZ, 1999).

2. O processo seletivo do ProFISna promoção da inclusão social

As informações a serem apresentadas evidenciam o processo de seleção dos ingressantes do ProFIS como forma de promover a inclusão social na universidade pública. Nesse sentido, buscou-se verificar se existem sinais de que o novo modelo de seleção viabiliza um aumento de oportunidades aos jovens que desejam e que tem condições de ingressar no ensino superior.

Espera-se, com os resultados da análise do perfil dos alunos ingressantes, mostrar que os alunos do ProFIS estão bem representados em relação à demanda potencial de formandos da educação básica - alunos concluintes da educação secundária pública do Estado de São Paulo.

O perfil dos estudantes do ProFIS foi investigado através de informações socioeconômicas, raciais, e familiares no sentido de responder se a seleção de ingressantes corresponde ao perfil dos alunos que compõem a demanda efetiva, considerados nesta análise como os possíveis formandos do ensino médio provenientes de escolas públicas de Campinas. Também para contextualizar a comparação serão apresentados dados referentes aos ingressantes da Unicamp nos cursos de graduação em 2011.

São apresentadas também informações sobre os alunos formandos do ensino médio das escolas privadas com o objetivo de evidenciar as principais diferenças dos formandos das escolas públicas.

Foram utilizados os dados do censo demográfico de 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) para conhecer o perfil dos jovens que poderiam constituir a demanda por cursos de nível superior e, os dados oriundos dos questionários da Comissão de Vestibular (COMVEST) da Unicamp, preenchidos pelos estudantes no momento de inscrição para o ProFIS e para o vestibular⁸.

2.1. Idade e Sexo

Os ingressantes do ProFIS do ano de 2011 são mais jovens do que os estudantes formandos da escola pública de 2010 quando comparados pela idade média. Enquanto os formandos das escolas públicas de Campinas tinham em média 24 anos em 2010, os ingressantes do ProFIS tinham em média 18,4 anos. Esta situação é esperada na medida em que os ingressantes do ProFIS são os que obtiveram melhor desempenho no ENEM em suas escolas e, muito provavelmente isto pode estar associado ao fato de não estarem em atraso escolar e, assim serem mais novos. Entretanto, quando se analisa pela mediana a idade é a mesma tanto para os ingressantes no ProFIS quanto para os formandos do Ensino Médio: 18 anos (ver tabela 1).

Tabela 1 – Idade média e idade mediana dos Ingressantes ProFIS e Unicamp (vestibular) em 2011 e dos Formandos do Ensino Médio da rede pública de Campinas e do Estado de São Paulo em 2010.

	Idade Média	Idade Mediana
Ingressantes ProFIS	18,4	18
Ingressantes Vestibular	19,8	19
Formandos EM da rede pública de Campinas	24,0	18
Formandos EM da rede pública de ESP	22,0	17

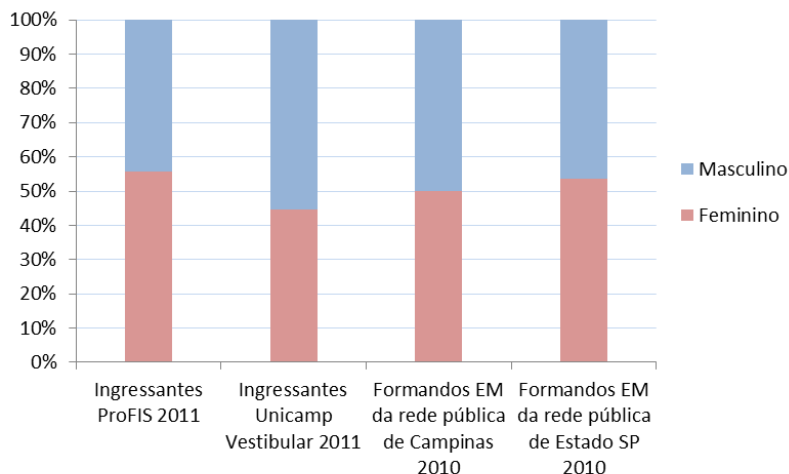
Fonte: Comvest Unicamp 2011; Censo Demográfico IBGE 2010.

⁸ Os questionários foram respondidos em outubro de 2010 para ingresso em 2011.

Vale lembrar que, no momento de ingresso no curso da graduação profissional, ou seja, após a conclusão do curso sequencial, o aluno terá aproximadamente a mesma idade média dos alunos que ingressaram na graduação da Unicamp pela via do vestibular.

56% dos ingressantes no ProFIS em 2011 são do sexo feminino, ao contrário dos que ingressaram pelo vestibular da Unicamp onde predominaram os homens com cerca de 55% de participação. No caso dos ingressantes pelo vestibular a sobre representação masculina ocorre muito provavelmente em função da vocação da Universidade. A Universidade de Campinas oferece muitos cursos da área de exatas e, historicamente sempre houve uma demanda masculina superior à feminina para cursos dessa área.

Gráfico 4—Alunos ingressantes na Unicamp em 2011 e formandos do Ensino Médio de escolas públicas de Campinas e do Estado de São Paulo em 2010 por sexo. (%)



Fonte: Comvest Unicamp 2011; Censo Demográfico IBGE 2010.

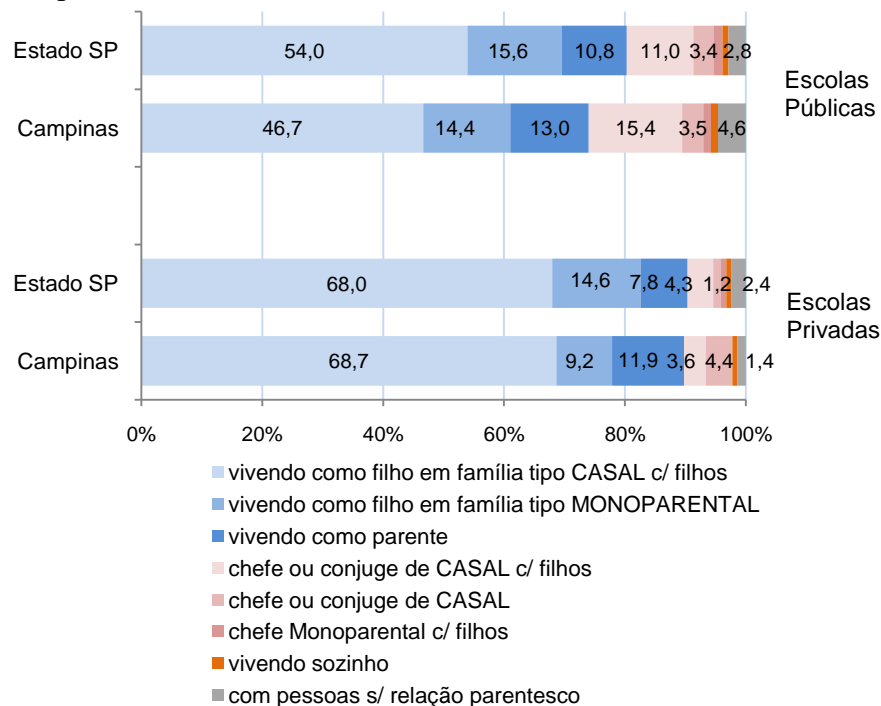
2.2. Tipo de Família

2.3.

A maioria dos formandos do Ensino Médio em 2010 e, sobretudo para os de escolas privadas é constituída por jovens que vivem com os pais, ou pelo menos com um deles e, também por aqueles cujo chefe do domicílio é o avô ou outro parente. A proporção de concluintes do ensino Médio que já constituiu família, ou seja, já chefiam ou são cônjuge de família ou então vivem sozinhos, embora pequena, é mais elevada para os jovens de escola pública e fica mais evidente para os residentes do município de Campinas, onde de cada 5 concluintes de escola pública pelo menos 1 já constituiu família ou mora sozinho.

A grande maioria dos ingressantes no ProFIS, 94% vivem com os pais ou com pelo menos um deles. Ainda que a informação sobre a coabitação com os pais não seja estritamente comparável, tendo em vista que a forma da pergunta não é exatamente a mesma no censo demográfico e no questionário do ProFIS, há evidências de que os alunos do ProFIS têm mais chances de viverem na companhia de pelo menos um dos pais – 94%, comparativamente aos formandos da rede pública de Campinas – 61,1%. Este fato sugere que os alunos do ProFIS têm mais retaguarda familiar quando comparados à potencial demanda por Ensino Superior representada pelos concluintes do Ensino Médio no Estado de São Paulo e de Campinas (ver gráfico 5).

Gráfico 5 - Distribuição percentual dos Formandos do Ensino Médio por tipo de família e rede de Ensino em 2010



Fonte: Censo Demográfico IBGE 2010.

2.4. Cor/raça

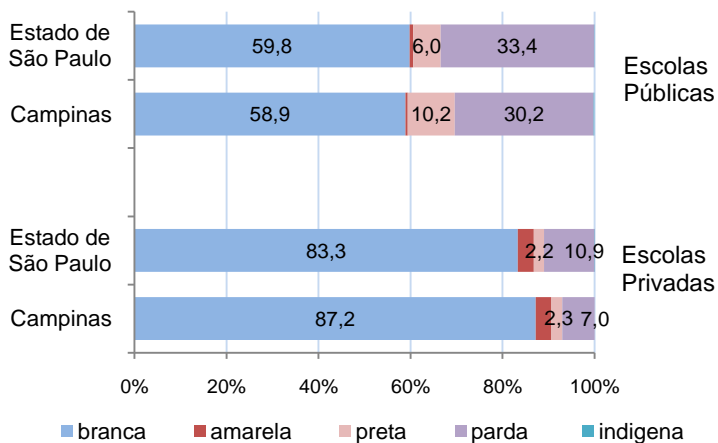
São os jovens formandos do Ensino Médio das escolas privadas no Estado de São Paulo os que mais se autodeclararam de cor branca. No município de Campinas a proporção de formandos das escolas privadas autodeclarados brancos é ainda mais elevada do que para o total do estado, 87,2% e 83,3% respectivamente.

Na escola pública a situação é bastante diferente. Há menos concluintes do Ensino Médio autodeclarados brancos: quase 60% no Estado de São Paulo e 59% no município de Campinas. Os pretos e pardos do Estado de São Paulo tem participação de 39,3% e, no município de Campinas somam 39,4% (ver gráfico 6).

Os alunos ingressantes no ProFIS autodeclarados brancos representam 57,5% do total, enquanto que os autodeclarados pretos e pardos somam 39,6%.

Os dados mostraram que não há diferenças significativas de cor entre os concluintes do EM das escolas públicas e os ingressantes no ProFIS. Assim, a distribuição dos alunos do ProFIS por cor é similar à distribuição dos concluintes do EM das escolas públicas de Campinas.

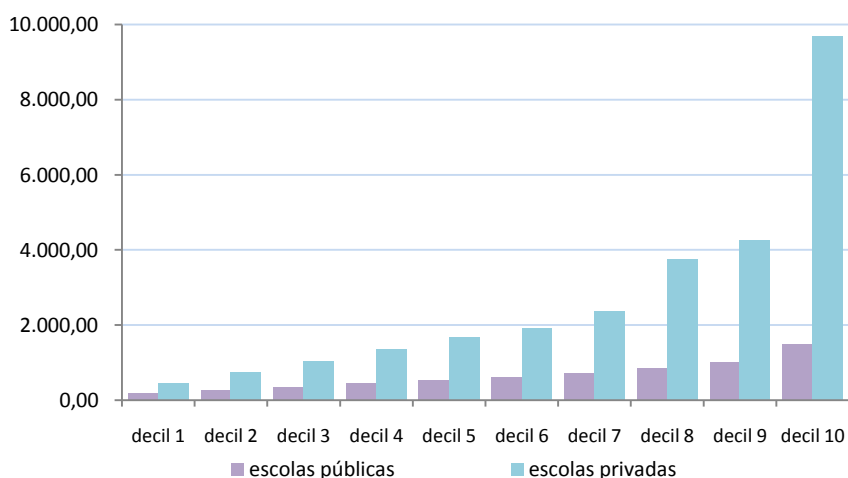
Gráfico 6 - Distribuição percentual dos Formandos do Ensino Médio por cor/etnia (%), segundo rede de Ensino em 2010



2.5. Renda familiar per capita

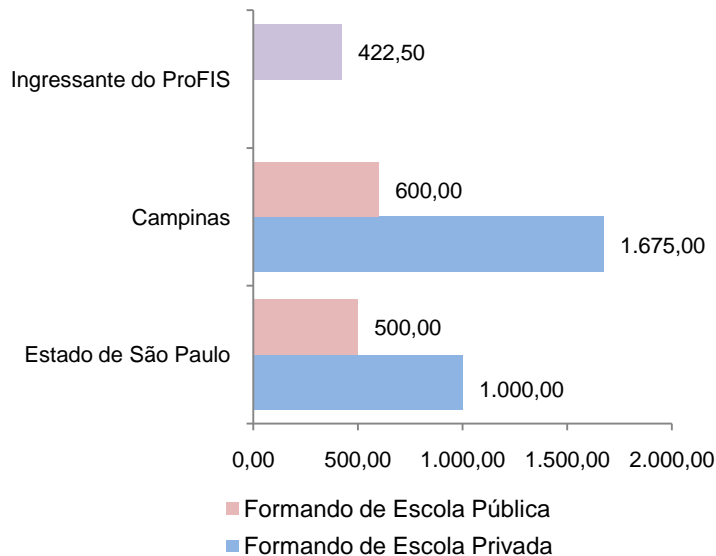
O acesso à escola dos jovens no Brasil é muito desigual quando se analisa a luz dos rendimentos domiciliares per capita. Os dados do censo demográfico de 2010 deixam claro que existe uma forte associação entre melhores condições econômicas e as chances de cursar escola privada. No caso dos formandos de Ensino Médio de Campinas que estudam na escola pública enquanto os 20% mais ricos tem renda domiciliar per capita entre R\$ 1.000 a R\$ 1.500, entre os que estudam na rede privada os 20% mais ricos tem renda domiciliar per capita entre R\$ 4.250 e R\$ 9.687 (ver gráfico 7).

Gráfico 7 - Distribuição percentual dos Formandos do Ensino Médio por decil de renda domiciliar per capita (R\$), segundo rede de Ensino em Campinas, 2010



Com relação aos valores medianos, a renda domiciliar per capita de um aluno formando de escola pública de Campinas em 2010 era de R\$ 600,00 enquanto que a renda domiciliar per capita do ingressante no PROFIS foi de R\$ 422,50, como apresentado no gráfico 8. Os dados apontam que os alunos do ProFIS são menos favorecidos com relação à renda familiar per capita em relação ao conjunto dos formandos de escolas públicas de Campinas em quase 30%.

Gráfico 8 - Renda Domiciliar per capita Mediana dos formandos do Ensino Médio em 2010 por escolas públicas e privadas e dos alunos do ProFIS em 2011. Em Reais (\$)



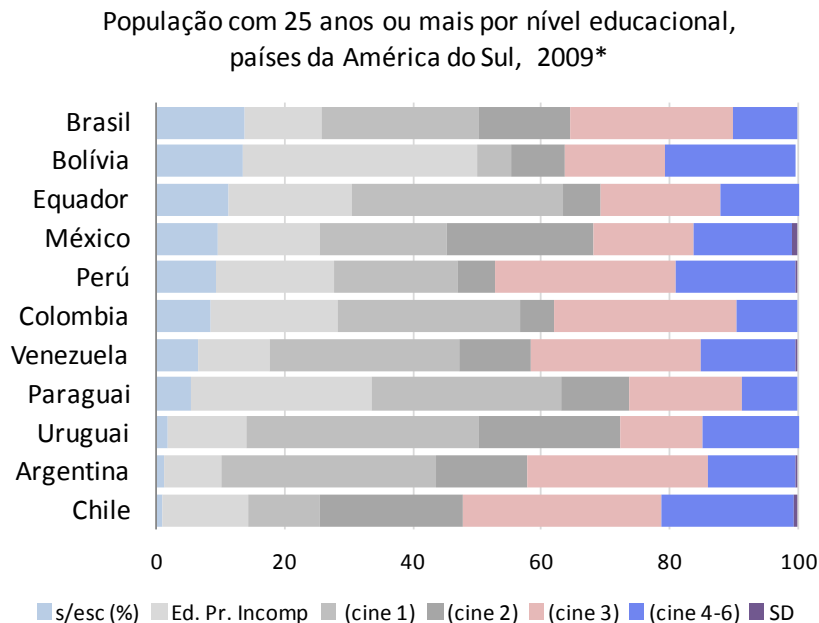
Fonte: Censo demográfico de 2010. IBGE e Pesquisa de Avaliação

2.6. Nível Educacional dos pais

O nível educacional da população tem impacto relevante para o desenvolvimento do país. O Brasil conta com uma participação relativamente baixa de adultos com educação básica concluída, por volta de 35% e, metade de sua população adulta conquistou no máximo o nível primário (até 4 anos de estudo). Mas o que chama mais atenção é o alto percentual de adultos com mais de 25 anos de idade com nível de escolaridade muito baixo. Quase metade da população brasileira (49,3%) com 25 anos ou mais não tinha sequer o ensino fundamental completo de acordo com o Censo Demográfico de 2010. Comparando-se com a situação de outros países sul-americanos é no Brasil onde existe a maior taxa de pessoas sem escolarização fruto das altas taxas de analfabetismo ainda persistentes no país⁹ (Telles, 2012).

⁹Na pesquisa anual, o Instituto de Estatística da UNESCO distribui a população de um país em oito categorias de ganho educacional.: os não escolarizados, educação primária incompleta, educação primária completa (CINE 1); primeiro ciclo de educação secundária completa (CINE 2); segundo ciclo de educação secundária completa (CINE 3); educação pós-secundária, não terciária, completa (CINE 4); educação terciária completa (CINE 5 e 6); e ganho educacional desconhecido.

Gráfico 9 – Distribuição da população adulta por nível de escolaridade (%)



(*). Os dados referem-se ao ano de 2008 para os países: Chile, Venezuela, Bolívia e Brasil. Paraguai têm como ano de referencia, 2007 e a Argentina o ano de 2003.

Fonte: Compendio Mundial de Educação de 2011, Instituto de Estatística da UNESCO.

As mudanças ocorridas nas últimas décadas tem promovido uma pressão na procura por níveis mais elevados de escolaridade, sobretudo se considerarmos as mudanças no mercado de trabalho, bem como o desenvolvimento tecnológico.

Mitrulis (2006) ao analisar o trabalho de Filmus (2002) constatou que a situação dos jovens concluintes do Ensino Médio na América Latina é muito diferente em relação a um passado recente onde a elevação da escolaridade estava diretamente relacionada à ascensão social dos indivíduos e hoje, ao contrário os jovens são incentivados a obter níveis mais elevados de escolaridade para manter sua posição social.

As políticas universalistas de oferta de ensino implementadas nas últimas décadas tiveram êxito na questão da universalização do acesso ao Ensino Fundamental e com relação ao aumento significativo das matrículas do Ensino Médio. Assim, o perfil dos egressos do Ensino Médio mudou. São estudantes muito heterogêneos pelo lado da origem socioeconômica como também culturalmente e, que passaram por diferentes trajetórias escolares.

Em geral nos países onde a população apresenta nível escolar baixo é onde se encontram as maiores distâncias geracionais na questão educacional, onde as gerações mais velhas estão em desvantagem comparativamente às gerações mais novas.

Historicamente, os dados têm mostrado que ainda que lentamente, o nível de escolaridade da população brasileira tem melhorado. Um reflexo deste fato é que o nível de escolaridade dos jovens vem superando o de seus pais. De acordo com os dados da Pnad de 2009 do IBGE, mais da metade dos adolescentes de 14 anos já superaram a escolaridade de suas mães, apesar da baixa escolaridade da maioria da população.

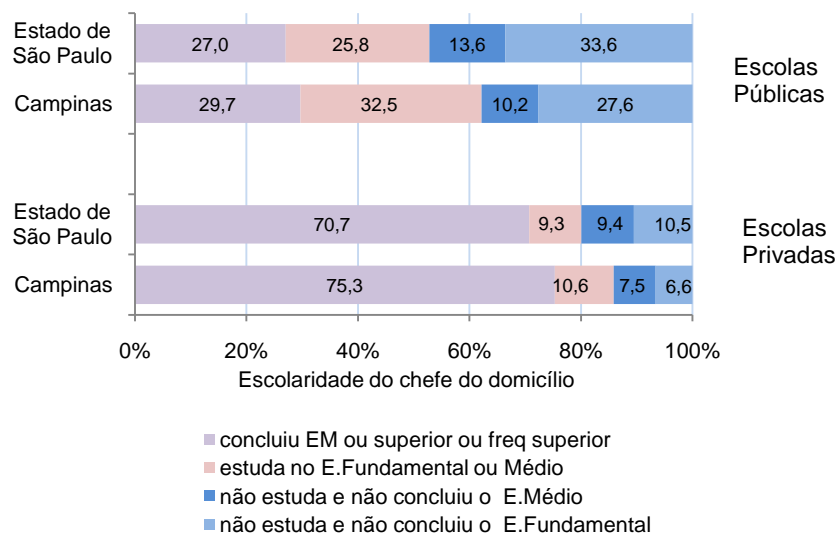
Entretanto, existem grandes diferenças de escolaridade entre famílias com alunos em escolas públicas e em escolas privadas, sendo que no caso das escolas privadas a escolaridade dos pais é muito mais elevada. O mesmo se passa entre famílias mais pobres com relação às mais ricas.

A baixa escolaridade dos pais pode afetar o nível de escolaridade dos filhos, pois, por um lado, os pais não conseguem ajudar os filhos por se sentirem despreparados e, por outro pela falta de incentivos aos estudos quando eles mesmos não valorizam a educação. Muitas vezes pais, com baixa escolaridade são incapazes de convencer os filhos a respeito do valor da educação e acabam mesmo sem querer passando a ideia de que a educação não é importante. Ao só visualizarem a educação como um meio para melhorar de vida e, ao levarem em conta suas próprias experiências de exclusão acabam desestimulando os filhos. Tal situação é mais recorrente nas escolas públicas onde a demanda é caracterizada por apresentar nível socioeconômico mais baixo e, onde o nível de escolaridade dos pais dos alunos está em desvantagem comparativamente ao dos pais dos alunos de escolas privadas.

Ao analisarmos os dados do censo demográfico de 2010 relativos aos jovens concluintes do ensino médio constatamos que para quase 30% dos alunos provenientes das escolas públicas de Campinas, os pais haviam concluído a educação básica, ou seja, concluíram pelo menos o Ensino Médio. Para 32,5% dos alunos formandos, os pais ainda estavam estudando com o objetivo de concluir a educação básica e, para 37,8% dos formandos os pais haviam parado de estudar sem concluir a educação básica.

A escolaridade dos pais dos jovens que ingressaram no curso do ProFIS em 2011 é mais elevada do que a dos pais dos jovens que estavam concluindo o ensino Médio em 2010 nas escolas públicas de Campinas. Para mais da metade dos ingressantes do ProFIS os pais já haviam alcançado pelo menos o Ensino Médio, enquanto que para os formandos do ensino médio das escolas públicas de Campinas, este percentual era inferior a 30%.

Gráfico 10 – Escolaridade dos pais (ou dos chefes dos domicílios) dos Formandos do Ensino Médio das escolas públicas e privadas do Estado de São Paulo e Campinas em 2010



Fonte: Censo demográfico de 2010. IBGE

3. Permanência no Ensino Superior

Ainda que se leve em conta que os alunos do ProFIS foram os melhores de suas escolas de ensino médio, conseguir concluir o ProFIS é um grande desafio para a maior parte dos alunos, sobretudo devido às deficiências da formação anterior.

De acordo com os dados do questionário respondido pelos alunos do ProFIS do ano de 2011, 61,2% avaliaram a qualidade de sua escola de ensino médio como regular ou deficiente e, 43,6% atribuíram

conceito regular ou deficiente ao corpo docente da escola. Mais de 70% dos ingressantes do ProFIS declararam que em sua escola anterior não havia laboratório científico e, para apenas 4,3% a escola de ensino médio possuía um laboratório científico bem equipado. Apenas 55% dos alunos do ProFIS tiveram contato com biblioteca na escola de ensino médio, e apenas 1 de cada 4 alunos do ProFIS teve acesso à laboratório de computação na escola onde fez o Ensino Médio.

Estas informações dão sinais claros de que as dificuldades enfrentadas pelos ingressantes do ProFIS na universidade vão mais além do que aquelas enfrentadas pelos demais alunos que ingressaram na Unicamp e, portanto, podem interferir na permanência do aluno na universidade.

A análise da permanência dos ingressantes no ProFIS no Ensino Superior foi realizada para a turma de 2011, que é a primeira a passar pelos dois anos do curso. Entretanto, ainda é uma análise parcial, pois ainda não se esgotou o tempo máximo de integralização desta turma, que é de 3 anos. Para esta análise, foram utilizadas informações da Diretoria Acadêmica (DAC), dos questionários anuais de acompanhamento de 2011 e 2012 e também buscas em redes sociais e outras fontes confiáveis da Internet.

Em primeiro lugar, é importante assinalar que a taxa de evasão no ProFIS da turma 2011 é semelhante à média dos outros cursos da Unicamp, sendo um pouco maior que a dos cursos diurnos e menor que a dos cursos noturnos.

Tabela 2 - Evasão dos Alunos da Unicamp

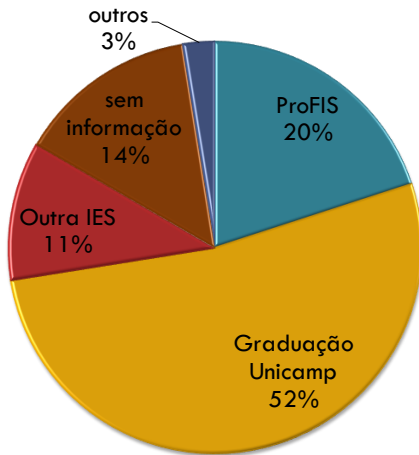
Evasão da Unicamp	Cursos Diurnos em 2011	Cursos noturnos em 2011	ProFIS Turma 2011 (março 2013)
Evasão /Ingressantes	25%	33%	28%

Nota: Considerando situações: “abandono/cancelado pelo aluno”, “Cancelados pela Unicamp” e “transferido para outra IES”.

Fonte: Anuário Estatístico 2012 e DAC/Unicamp

Em segundo lugar, ao final do período pelo menos 83% dos ingressantes permaneceram no Ensino Superior, sendo que 72% deles permaneceram na Unicamp, onde 52% ingressaram em cursos de graduação profissional da Unicamp e 20% ainda estão cursando o ProFIS. Daqueles que estão nos cursos de graduação, 53 ingressaram pelas vagas reservadas para o ProFIS e 10 por meio do vestibular. Sobre os demais, 11% foram para outras Instituições de Ensino Superior, sendo 7 alunos em instituições privadas e outros 2 alunos em instituições públicas. Destes, 5 alunos estão em cursos que não são ofertados pela Unicamp (Psicologia, Direito, Medicina Veterinária e Museologia) e, 2 alunos estão em cursos técnicos, 1 aluna faleceu e não conseguimos localizar informação sobre 14% da turma original.

Gráfico 11 - Situação dos alunos que ingressaram no curso do ProFIS em 2011 no final dos dois anos iniciais (2013)



Fonte: DAC Unicamp; Questionário Anual de Acompanhamento 2012 da Avaliação Continuada do ProFIS; Busca em redes sociais.

Considerações Finais

Os resultados apresentados evidenciam que o processo de seleção do ProFIS é capaz de selecionar alunos com perfil socioeconômico e demográfico similar aos dos jovens que potencialmente representam a demanda por cursos de nível superior.

Entre os selecionados do ProFIS, 36,6% se autodeclararam como pardos e ou pretos. Os formandos de Ensino Médio de escolas públicas de Campinas autodeclarados pardos ou pretos representaram 36,4%, praticamente a mesma participação dos alunos do ProFIS. A renda familiar per capita dos ingressantes do ProFIS foi até inferior do que a renda familiar per capita dos formandos de Ensino Médio de escolas públicas de Campinas, R\$ 422,50 e R\$ 600,00 respectivamente (tendo como base valores medianos).

O nível educacional dos pais, apesar de por razões metodológicas não ser estritamente comparável entre as duas fontes de dados¹⁰, parece ser uma variável que causa alguma diferenciação entre os alunos ProFIS e os formandos do Ensino Médio da rede pública em Campinas. Da comparação dos dois grupos concluímos que os pais dos alunos do ProFIS têm um nível educacional mais elevado quando comparado com o dos pais dos formandos do Ensino Médio das escolas públicas de Campinas. Assim, os dados sugerem que talvez mesmo quando se consegue selecionar alunos com o mesmo perfil socioeconômico, sobretudo com relação à renda e à cor/raça, os que se sobressaem por apresentar o melhor desempenho no ENEM são aqueles cujos pais tinham um nível educacional mais elevado e, que possivelmente são os que valorizaram e incentivaram mais os estudos em suas famílias.

As informações apresentadas neste artigo apontam que os propósitos de inclusão social foram plenamente alcançados. O processo de seleção do ProFIS parece capaz de contribuir para que o perfil dos alunos universitários se aproxime do observado na população de Campinas e no Estado de São Paulo que constituem a demanda por Ensino Superior.

Estes resultados são alcançados em grande parte pela distribuição geográfica das vagas entre as escolas de Campinas. Se fossem utilizadas apenas as notas no ENEM, além da diferença brutal na representação

¹⁰ No caso dos formandos das escolas públicas cuja fonte foi o Censo Demográfico de 2010, a pergunta foi respondida pelo chefe do domicílio que nem sempre é o pai do formando, mas na maioria dos casos (77%) sim.

das escolas (4 escolas deteriam mais de 50% das vagas, sendo 3 colégios técnicos), haveria diferenças no perfil socioeconômico, com “melhoras” nos indicadores, mas ainda assim mais desfavoráveis que os indicadores do perfil dos ingressantes pelo vestibular.

Com relação à permanência dos ingressantes no curso do ProFIS alguns desafios se colocam como: o enfrentamento das dificuldades da formação anterior dos alunos no acompanhamento e aprovação nas disciplinas do curso sequencial e, depois no ingresso nos cursos de graduação. Outro desafio para a gestão do curso é como lidar com a diversidade de interesses dos alunos e a própria compreensão da natureza interdisciplinar do programa.

Bibliografia

ANDRADE , Cibele Yahn; **TELLES**, Stella Maria Barberá da Silva ; . Universalização e equidade: análise da evolução do acesso à educação básica no Brasil de 1995 a 2005. Bahia Análise & Dados, v. 18, p. 87-93, 2008.

APRILE, Maria Rita; **BARONE**, Rosa Elisa Mirra. Educação superior: políticas públicas para inclusão social. Educação superior: políticas públicas para inclusão social. In: Revista @mbienteeducação, São Paulo, v. 2, n.1, p. 39-55, jan./jul. 2009.

BRASIL. LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 5. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.

COELHO, Rodrigo Pereyra de Sousa; **HIRATA**, Regina; **TELLES**, Stella Maria Barberá Silva. **Avaliação do processo de implantação dos CRAS em Campinas**: relatório de pesquisa. Campinas: NEPP/Unicamp e Prefeitura Municipal de Campinas, 2008.

DRAIBE, Sonia Miriam ; **PEREZ**, José Roberto Ruz . O Programa TV Escola: desafios à introdução de novas tecnologias. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, v. 109, p. 27-49, 1999.

FILMUS, D. A Educação média diante do mercado de trabalho: cada vez mais necessária, cada vez mais insuficiente. In: **BRALAVSKY**, C. (org.) A Educação secundária: mudança ou imutabilidade? Brasília: Unesco, 2002. p.127-186.

FURTADO, A. et al. Evaluation of the results and impacts of a social-oriented technology program in Brazil: the case of Prosab (a sanitation research program). **Research Evaluation**, v. 18, p. 289-300, 2009.

FURTADO, A. T. (Coord.). **Políticas públicas para a Inovação Tecnológica na Agricultura do Estado de São Paulo**: métodos para avaliação de impactos de pesquisa – relatório final.DPCT. Campinas: Unicamp, 2003.

MITRULIS, Eleny ; **PENIN**, Sônia Teresinha de Sousa . Cursos pré-vestibulares alternativos e acesso ao ensino superior: da igualdade à equidade. Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas), São Paulo, v. 36, n.n. 129, p. 269-298, 2006.

SALLES-FILHO, S. et al. Evaluation of ST&I Programs: a Methodological Approach to the Brazilian Small Business Program and some Comparisons with the SBIR Program. **Paper presented at Georgia Tech Conference**, Atlanta, Outubro 2009.

SALLES-FILHO, S. et al. Multidimensional assessment of technology and innovation programs: the impact evaluation of INCAGRO-Peru. **Research Evaluation**, v. 19, n. 5, p. 361-372, 2010.

TELLES, Stella Maria Barberá da Silva . Desigualdades no acesso à educação básica de jovens e adultos no Brasil nos anos 2000. In: V Congresso de la Asociación Latinoamericana de Población (ALAP)., 2012, Montevideu. Anais do V Congresso de la Asociación Latinoamericana de Población (ALAP), 2012.

ZACKIEWICZ, Mauro. **Trajetórias e desafios da avaliação em ciência. Tecnologia e inovação.** Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, 2005.Tese (doutorado).